A RELATIVIDADE DO BEM

PARTE 3
RENASCIMENTO

2ª Edição

A.J.Pissuto

A.J.Pissuto

Copyright © 2009 by A.J.Pissuto
Copyright © 2011 by A.J.Pissuto
All Rights Reserved.

O texto contido neste documento é uma propriedade intelectual de seu autor e nenhuma parte do mesmo poderá ser modificada ou copiada, por qualquer meio gráfico ou eletrônico, sem a prévia autorização por escrito de seu autor. As ideais aqui colocadas não fazem referência a pessoas, nomes, alcunhas ou idéias proprietárias. Desta forma, qualquer semelhança com fatos ou pessoas tratar-se-á de mera coincidência.

A.J.Pissuto

Pissuto, A.J.

A Relatividade do Bem – Parte 3 - Renascimento

Brasil - Santa Catarina : Florianópolis, 2011

Romance – Ficção

A Relatividade do Bem
Parte 3 – Renascimento
Resumo

Muitas vezes nos perguntamos o que é ser bom e o que é ser mal. Em geral, aceitamos que o conceito de bom está associado àquele que faz o bem. Ai nos vem uma dúvida: mas, afinal, o que seria o bem? E, em contrapartida, o que seria o mal? Qual é a definição que damos para essas palavras?

A idéia deste livro é mostrar que esta definição é relativa; que ela está associada a cada particular pessoa; a cada um de nós. Desta forma, procurou-se mostrar o seguinte: aquilo que uma pessoa considera ser o bem pode não ser o que outra pessoa considere como tal. Existe uma discordância entre as pessoas para este conceito, ou seja, ele não é universal.

Muitos dos diálogos aqui apresentados carregam essas discordâncias. Em nenhum momento se pretendeu chegar a um consenso e muito menos a uma conclusão. Isto, com toda certeza, seria só a opinião do autor, uma defesa parcial do seu próprio conceito. São discussões que carregam algumas teorias, algumas emoções, algumas ironias e até mesmo sarcasmo. São discussões que ocorreram e ocorrem no nosso dia a dia. A idéia, como já foi dito anteriormente, é mostrar que existe a discordância e não fixar um conceito particular.

A história gira em torno de um conjunto de pessoas que apresenta algumas características extraordinárias. Neste caso, a fantasia nos permite simular situações reais, onde alguns argumentos estão baseados somente em atributos sociais, tais como: posição social, cargo em empresas, nível de ensino, saldo da conta bancária e outras coisas assim. São argumentos do tipo: eu sou seu chefe, ou eu sou seu professor, e por isso mesmo eu é que tenho razão. Mas a discussão deste tema não dá razão a ninguém, tenha o atributo que tiver.

Ah! Muita da fantasia aqui apresentada, ou daquilo que se considerou ser fantasia, também são proposições aceitas por alguns grupos de pessoas que, desta forma, podem não concordar muito bem essa

terminologia. Mas isto seria tema para outro tipo de discussão. Por enquanto, vamos considerar serem apenas fantasias.

O Autor

A.J.Pissuto

Capítulo XXIX - Os amigos se encontram

Jaime acordou de um sono profundo. Demorou um pouco para ele abrir os olhos, e parecia ainda estar cansado. Cansado? Ué! Coisa esquisita para um usuário de anel. Tentou tatear o mesmo ainda deitado e sentiu que alguma coisa estava faltando. Seu anel havia desaparecido, seu dedo estava vazio e nenhuma jóia o adornava. Levantou-se de súbito. Que lugar era aquele? Um quarto todo pintado de branco, com pouca decoração. Tinha uma cama e um criado-mudo onde algumas coisas estavam depositadas sobre o mesmo. Um copo de água com um pires cobrindo o mesmo, um relógio a pilha, modelo bem antigo e barato, e um abajur fora de moda. A cama era simples, tinha um jogo de lençóis brancos e um travesseiro todo amassado. Olhou para si mesmo e percebeu que estava completamente nu. Naquele quarto não tinha armários e nenhuma peça de roupa era visível. Aquilo até parecia um quarto de hospital. Ele devia estar em um quarto de hospital.

Jaime procurou por uma saída e só viu uma única porta, também pintada de branco. Pela janela entrava os raios de sol através de uma cortina translúcida. Foi para perto dela e puxou de leve a cortina. A visão que teve não foi nada esclarecedora. Ele estava em um prédio, pelo menos no quinto ou no sexto andar. O prédio estava localizado numa rua recoberta de asfalto com calçadas largas e arborizado de ambos os lados. Era algum lugar calmo, pois não se via o trânsito dos carros pela rua e, também, não se via pessoas nas calçadas. Aquilo devia ser um hospital. Ele tinha que sair dali. Mas como? Estava nu, sem roupas. Pegou o lençol por cima da cama e embrulhou-se no mesmo, foi até a porta e girou a maçaneta para sair. A porta estava fechada e a chave devia estar pelo lado de fora. Jaime estava preso naquele quarto. Olhou para os lados, preocupado. Não havia outra saída. Começou a bater na porta e a gritar que queria sair dali. Não demorou muito e ele ouviu vozes vindas de fora, algumas pareciam risadas. Então ouviu uma voz masculina e fanhosa:

-Quem bate?

Jaime ficou olhando para a porta e voltou a golpeá-la com os punhos. A pergunta voltou a ser repetida:

-Quem bate?

-É a puta da sua mãe. -Jaime estava ficando nervoso. -Quer me deixar sair daqui? Que merda de lugar é este? Abre logo esta porta.

-A puta da mamãe está de férias na zona. Quero saber quem bate aí dentro.

-Ô imbecil! Vê se abre logo esta merda porta de uma vez. Eu quero sair daqui.

-O imbecil também não pode vir no momento, ele está no banheiro fazendo coco. Quero saber quem bate.

-Mas que palhaçada é esta? Isto é algum manicômio? Eu quero sair daqui, abre logo esta merda de porta. -Jaime dava socos na porta.

-A merda da porta é resistente e não tem culpa de nada. Não adianta ficar ofendendo e batendo nela. Quero saber quem bate.

-Sou eu quem bate. Quem mais poderia ser; seu estúpido?

-Aqui não tem nenhum "eu" registrado. Quero saber quem bate.

-Ô Paciência! Meu nome é Jaime, Jaime Quintanilha. Agora dá para abrir esta porta, ou não?

-Um momentinho. Me deixa dar uma olhada na lista. Deixa ver: Jaime, Jaime... Jaime de que mesmo?

-Jaime Quintanilha. Como é que é, vai abrir ou não?

-Ah! Achei! Jaime Quintanilha! Deixa ver... Você é aquele maluco que vive andando pelado pelos corredores. Deixa ver a sua ficha. Espere um momento.

-Andando pelado? Ficha? Mas que bosta de lugar é este? Eu quero sair daqui, abra logo esta porta. -Jaime dava socos na porta.

-Só um momento que eu estou procurando pela chave. Por favor, o senhor mantenha a calma. É só um momento.

Jaime bufava e esmurrava a porta. Então, ele ouviu um barulho indicando que uma chave estava sendo introduzida na fechadura da porta. Ouviu a chave virar e, em seguida, viu a maçaneta começar a se mexer. Rapidamente forçou a maçaneta para dentro e puxou a porta com força para seu lado. Estava pronto para a briga.

-Escute aqui seu, seu... Walter?

Jaime calou-se e ficou com a boca aberta, estava admirado. Na sua frente estava um homem negro, bem alto e sorridente. Trazia um monte de roupas penduradas em seu braço esquerdo e, da mão direita, o indicador e o polegar pressionavam as narinas. Olhou para Jaime e falou rindo, ainda com som nasalado:

-Quem bate?

-Seu bosta! Então era você? Aliás, quem mais poderia ser? Só mesmo o velho Walter para fazer essas brincadeiras idiotas. Mas que lugar maluco é este?

-Posso entrar, ou antes, você vai querer me bater?

-Claro que pode entrar. Mas, me dá cá um abraço.

-Calma aí, seu tarado! Primeiro ponha uma roupa. Eu não vou ficar abraçando homem pelado. O que vão dizer de mim por ai? Vê se toma juízo.

Walter entregou as roupas que trazia penduradas em seu braço para Jaime. Este as pegou e se apressou em colocá-las. Sentou-se na beira da cama e começou a vesti-las. Já com calça e camisa, levantou-se e abraçou Walter que correspondeu a contento.

-Então meu velho amigo voltou. Eu sabia que você voltaria. Eu estava querendo muito falar com você.

-Ei! Eu não voltei de lugar nenhum, foi você quem veio até aqui. Onde você pensa que nós estamos?

-Sei lá! As coisas são meio estranhas por aqui. Não me lembro desta paisagem ai de fora.

Jaime apontou para a janela.

-Você está no Brasil, está na minha casa. Estamos em uma cidade do interior do estado de São Paulo, Jahú, não sei se você conhece.

-Jahú? Não, não conheço. Mas como é que eu vim parar aqui?

-Sei lá! Acho que você apareceu por aqui. Deve ter caído do céu como coco de passarinho. Acho que você veio andando. Encontrei você na rua, foi isto.

-Eu acordei e me dei neste quarto, não lembro muito bem das coisas. Eu nunca dormi tanto assim e...

Jaime lembrou que não precisava dormir; que alguma coisa estava faltando. Olhou para Walter e perguntou assustado:

-Ei! Cadê meu anel?

-Está na gaveta deste criado mudo. Achamos que você não ia precisar dele por algum tempo.

Jaime, que estava colocando seus sapatos, parou o que fazia e foi olhar direto na gaveta. Encontrou o anel e colocou-o em seguida. Sentiu aquela sensação de bem estar e o cansaço começou a desaparecer. Mostrou um sorriso para Walter.

-Obrigado, sei que você não me roubaria isto.

-Cara! Pode parar por aí mesmo. Eu nunca fui ladrão. Isto é seu e eu só guardei para você. Mas tome cuidado. Não sei se deve usar isto por muito tempo, você pode ser afetado por algumas coisas.

-Coisas? Que coisas? Caramba! Você está cheio de mistérios.

-Jaime! O mundo mudou um pouco enquanto você dormia. Você dormiu um bom bocado, sabia?

-Como assim? Há quanto tempo eu estou dormindo?

-Contando com hoje, estão fazendo cento e vinte e três dias.

-Como é que é? Quanto tempo?

-Mas que cara mais surdo! Contando com hoje, estão fazendo cento e vinte e três dias. Você está dormindo faz um tempão. Nunca vi ninguém dormir tanto assim.

-Você está brincando comigo? Está dizendo que fiquei quatro meses dormindo?

-É! Mais ou menos isto. Você estava muito mal quando chegou por aqui e tivemos que recolhê-lo. Tivemos que lhe dar alguns sedativos para acalmá-lo e, também, tivemos que tirar esta coisa de seu dedo. Desculpe o mau jeito, mas não tínhamos nenhuma alternativa.

-Eu cheguei por aqui? Eu estava mal? Mas como foi que eu cheguei aqui?

-Vamos deixar tudo isto para depois. Agora, termina de se vestir e vamos comer alguma coisa. Cara! Antes, dê uma passadinha no banheiro e lave esta sua cara. Também escove seus dentes que o bafo está insuportável. Afinal, depois de quatro meses deve ter umas vinte gerações de bactérias mortas nesta sua boca. Quer mesmo saber? É melhor você tomar um banho por inteiro, você está é fedendo.

-Porra negão! Você, pelo visto, continua sendo o mesmo chato de sempre. Vê se toma tua linha.

-Até que enfim. Agora estou reconhecendo o Jaime irreverente, o Jaime malandro. Pensei que ele já estivesse morto.

-Eu não morro, esqueceu?

-Não. Eu não esqueci, mas, pelo cheiro, acho que tem alguma coisa errada nisto que falou. Se não foi você, então, quem sabe, talvez tenha sido o seu "eu interior" quem morreu. E o cara está que é só podridão. Vai tomar um banho, e vê se lava direito todas as coisas.

-Sim mamãe!

Jaime se levantou e apontou a porta para Walter. Este saiu seguido pelo outro. Eles entraram num corredor curto e, na frente de uma porta que lá havia, Walter parou. Apontou a porta para Jaime e falou:

-Você tem meia hora. Depois é só seguir por aqui. Eu estarei na cozinha preparando alguma coisa. E vê se não demora embaixo do chuveiro. Sou pobre e a conta de energia está pela hora da morte.

Walter continuou seu caminho sem dar chance de Jaime responder qualquer coisa. Entrou por uma porta no fim do corredor, a mesma que tinha indicado anteriormente, e desapareceu de vista.

Jaime foi para dentro do banheiro e viu que era bem simples, mas era tudo bem arrumado. Pelo visto o negão era jeitoso. Separou uma toalha e um sabonete e foi para debaixo do chuveiro. Ficou por lá um bom tempo, sentindo aquela água morna escorrer por sua cabeça e percorrer todo seu corpo. Era como se aquilo lavasse todo o cansaço, todas as dúvidas, tudo estava indo para o ralo. Sentiu que já estava lá há um bom tempo e desligou o chuveiro. Enxugou-se e voltou a colocar as roupas que Walter tinha lhe arranjado. Foi até o lavabo e procurou por uma escova de dentes. Começou a escová-los enquanto olhava para o espelho. Viu que estava despenteado, mas não barbado. Então não ficara sem o anel, pois, com ele, sua barba não crescia. Depois penteou seu cabelo e saiu para o corredor. Seguiu em frente e foi até a porta que Walter lhe indicara.

Jaime entrou na cozinha e ficou mudo, totalmente paralisado. À sua frente estava uma jovem, uma japonesa, com seus vinte e poucos anos; e ela era belíssima. Vestia uma roupa leve que realçava as cur-

vas do seu corpo bem delineado. Do lado dela estava Walter, com uma frigideira numa das mãos e com uma colher em outra que virava de um lado para o outro. Logo que viu Jaime foi falando:

-Ah! Até que enfim. Cacete! Neste mês vou estourar meu orçamento. A conta de energia vai explodir depois deste seu banho. Vai se sentando por ai e pegue alguma coisa para comer. Tem suco de frutas ai na mesa. Você que se vire.

Walter apontava com o queixo para as coisas que mencionava. Jaime parecia não prestar muita atenção nele. Só tinha olhos para a moça. Sentou-se e chamou Walter para perto de si e cochichou em seu ouvido.

-Walter. Mas o que é isto aí? Está trazendo suas alunas para sua casa? Quem é esta menina? Caramba! Quem é este monumento?

Quase não dava para escutar o que ele falava e, enquanto isto, não tirava os olhos da moça.

-Ué!

Walter olhava para um e para o outro com surpresa. Era um ótimo ator. Falou alto para ambos ouvirem:

-Mas eu pensei que vocês já se conhecessem. Vocês têm certeza que não se conhecem? Bem! Então vamos às apresentações.

Walter fez sinal para que Jaime se levantasse e também fez sinal para que a moça se aproximasse. Apontou para Jaime e falou formalmente:

-Bem! Este cara aqui é o Jaime Quintanilha, analista de sistemas, ex-funcionário da AKS Sistemas, subsidiária da EPR Inc. E ele foi meu subordinado, eu é que mandava nele. Ele é meio atrapalhado, muito preguiçoso e metido a conquistador. Mas até que é honesto. Bom, pelo menos era honesto naquela época. Hoje ele está desempregado e vive para lá e para cá fazendo bicos. Como não tem dinheiro para sobreviver, então vive encostado por aqui. O cara só pensa em dormir. Aliás, acho que faz quatro meses que ele só dorme. É isto ou será eu me esqueci de alguma coisa?

Walter sorria e olhava para Jaime, que reclamou na mesma hora daquela introdução:

-Cacete! Você acabou comigo. Era melhor ter dado um tiro na minha cabeça, pois seria mais humano. O nome e a profissão estão corretos, mas o resto é invenção deste sujeito. E a mocinha, quem é?

-A mocinha? A sim a moça! Puxa minha velha, eu até tinha me esquecido que você é uma moça.

A moça olhou para Walter com olhar de reprovação. Ele continuou:

-Bem! A moça aqui é a Akiko Mitsuo. Ela é a minha esposa e, por isto mesmo, fique na sua; está me entendendo? Pare de olhar deste jeito para ela, senão vai matá-la de vergonha. Isto se eu não lhe matar primeiro, pois sou muito ciumento.

-Sua... Sua o quê? Sua esposa?

Jaime ficou meio sem jeito, avermelhou e passou a olhar para Walter. Depois voltou o olhar para Akiko.

-Muito prazer. Desculpe! Eu não sabia que o Walter tinha se casado. Walter, sua esposa é muito bonita, parabéns. Quero que me desculpem alguma coisa, é que você, Akiko, é realmente muito bonita e muito jovem.

-Sei! É a ascendência ítalo-japonesa. E deu nisto ai que você está vendo. Até que é bonitinha, mas é meio burrinha. Ainda estou ensinando a tabuada do seis para ela. Isto é difícil! Mas, fazer o quê? O importante é que ela tem saúde, muita saúde.

Akiko deu um tapa no ombro de Walter.

-Caramba! E que saúde. Ah! Antes que me esqueça. Ela também é faixa preta em caratê. E, se você bobear, ela lhe dá um sem pulo que lhe arranca o saco fora. Então, tome cuidado.

Jaime e Akiko riram das gozações de Walter. Jaime sorria enquanto tomava seu suco de frutas com vontade. Foi quando a outra frase de Walter o paralisou:

-Ah! Como sou esquecido. Tem outra coisa, ela também é a sua mãe, foi por isto achei que vocês já se conheciam.

Jaime começou a tossir e cuspiu o suco bem longe. Akiko ficou preocupada e tentou segurá-lo. Walter continuou:

-Ué! Que foi que deu nele? Será que ele não gosta de ter uma mãe assim?

Jaime ainda tossia muito quando conseguiu falar alguma coisa.

-Minha o quê? Mas... Mas do quê você está falando. Que raio história maluca é esta? Que quer dizer com isto?

-Como assim? Não é nenhuma história maluca. Eu só estou fazendo as apresentações. Não foi você quem pediu? Sutileza nunca foi meu forte, e você sempre soube disto.

-Mas... Mas que história é esta? Ela é uma menina que pode ser minha filha. E você diz que ela é minha mãe. Ah não! De novo não!

-Ué! De novo por quê? Eu nunca apresentei vocês antes. Vocês já se conheciam?

-Não, não é isto. Eu já tenho uma mãe menina, já me apresentaram uma mãe menina, mas não esta. Eu não agüento duas. Vamos parar por ai mesmo.

-Está bem. Então vamos continuar de onde paramos.

Walter foi para junto de Akiko e lhe deu um beijo na face. Pegou sua mão, pequenina perto da mão de Walter, e estendeu para Jaime. Dava para ver o anel no dedo de Akiko. Perguntou a Jaime:

-Então, seu idiota? Você reconhece isto?

-O anel? Mas este é um anel igual ao meu. Então... Então ela também é uma imortal?

De repente seus olhos brilharam, alguma coisa acordou em sua mente e ele começou a falar sozinho:

-Mas... Mas é claro! O companheiro desaparecido do Walter. O companheiro do Walter é uma menina. E eu pensava que fosse um homem. Então ele é uma mulher.

-Epa! Vamos parar por ai mesmo. Eu nunca dei qualquer demonstração de ser homossexual. Que negócio é este de o Walter ter um companheiro homem? O negão aqui ainda é muito macho. Ei! Vamos parar com esta conversa esquisita.

Akiko sorria da cara de Walter. Jaime ainda estava desconfortável e surpreso. Olhou para Akiko e falou:

-Então você é a peça que estava faltando. Você é o companheiro perdido. Você é quem usou este anel antes do Walter. Foi através de seus olhos que eu vi aquelas coisas. Eu devia ter desconfiado. Você é uma mulher. Você é o elemento que estava faltando.

-Ei! Ei! Pare de colocar sinônimos na minha esposa. Você é isto, você é aquilo. Respeito é bom e a gente aqui gosta. Ela é a Akiko, esposa do Walter e mãe do Jaime. Vê se não fica citando características estranhas para minha esposa não.

-Mas é isto. Você é uma mulher.

-Cacete! Mas você é cego? Claro que a Akiko é uma mulher.

Walter foi para perto dela e a abraçou de lado. Deu-lhe mais um beijo e concluiu:

-E que mulher! Mas esta aqui já tem dono. Então, vai procurar suas negas.

-Ah! Cala essa sua boca. Pare de falar besteira. Quero que me explique direito esta historia de mãe. Que negócio é este dela ser minha mãe? Minha mãe não é a Gabriela?

Akiko finalmente se expressou. Sua voz suave deixou Jaime mais encantado ainda:

-Jaime! Eu doei o óvulo e a Gabriela serviu de incubadora. Então, você é filho do Francisco comigo. E esta é a verdade. Eu também fiquei surpresa quando soube disto, aliás, quando o Walter concluiu isto. É a única explicação que encontramos nesta história maluca. Eu trabalhava com seu pai na época em que você foi concebido. Eu passei por alguns exames e, durante os mesmos, fui doadora de um óvulo. E eu nunca soube disto, até uns três anos atrás. Gostaria mesmo de tê-lo conhecido antes. Eu queria ter cuidado de você, gostaria de ter amado você.

-Epa! Epa! Vamos parar por ai mesmo. Você pode cuidar de mim e pode me amar à vontade. Não começa com isto não!

Walter se intrometeu na conversa dos dois. Akiko olhou feio para ele e reclamou:

-Ah! Pare com essas brincadeiras. Se continuar com isto vai ficar sem almoço. Está me entendendo?

-Sim minha querida esposa, sim. O Walter aqui entendeu tudo.

Olhou para Jaime e deu uma piscada.

-Está vendo? Está vendo? Com mulher a gente tem que ser durão. Aqui a última palavra é sempre a minha.

Olhou humilde para Akiko e voltou a repetir:

-Sim, querida, já estou parando. Eu já entendi.

Jaime não entendia muito bem aquele relacionamento entre Walter e Akiko. Eles estavam sempre brincando e, às vezes, até parecia que falavam sério. Mas estavam sempre sorrindo. De Walter isto era esperado, ele sempre foi brincalhão, mas com Akiko era diferente. Ela era uma oriental, ao menos uma mestiça, e elas não são de muita brincadeira, ao menos as orientais que Jaime conhecia. Mas esta era diferente, era calma, divertida, não submissa e acompanhava Walter o tempo todo em suas brincadeiras idiotas. Mas isto de ela ser sua mãe era coisa diferente, isto não era uma brincadeira. Walter não era dado a este tipo de coisa. Jaime tentou escapar das expressões idiotas de Walter:

-Espere aí! Vamos começar pelo princípio. Então o Francisco e a Akiko forneceram o material genético para construir o idiota aqui. Misturaram tudo e colocaram isto na Gabriela durante nove meses. Passado este tempo, nasceu o Jaime aqui. É isto que vocês estão falando? Isto é verdade?

-Sim. -Responde Akiko. -Esta é a verdade. Tirando as gozações do Walter, esta é a mais pura verdade. Mas não gosto da forma como você fala: construiu, misturou, colocaram. Isto é meio mecânico, meio automático. Você é um homem, um ser humano e não uma máquina. Seus pais adotivos devem ter amado você como ser humano, não como uma máquina. Eu não amei você desde que nasceu por não saber da sua existência, mas amei você desde que soube da mesma. O Walter é seu amigo, ele ama você como um homem, não como uma máquina.

-Epa! Vamos parar por ai mesmo. Eu não amo homem nenhum. Eu odeio os homens. O que eu amo mesmo são as mulheres. Eu sou hetero, entendeu? Eu sou hetero.

Walter ria ao falar isto. Foi para perto de Jaime que estava sentado á mesa, abraçou-o de lado e deu-lhe um beijo na cabeça.

-Mas eu amo este homem. Ai, que nojo! Só mesmo a Akiko para me obrigar a este papel ridículo. E, agora, descubro que sou seu padrasto. Então, vê se me respeita.

-Walter, também não precisa exagerar. Eu já entendi que você está querendo deixar todo mundo à vontade, especialmente eu, mas vamos parar com isto. Eu também amo você, você foi e é meu único amigo, o único que tive em toda minha vida. Mas vê se não exagera. E pare de me beijar senão vão pensar que eu é que sou homossexual. Não exagere, está bem? Menos com isto.

Akiko aproveitou e reclamou de Walter:

-Viu? Não sou só eu que acho você exagerado. O Jaime também acha isto.

-Ué! Mas o Jaime nunca viu. Como é que ele sabe que é exagerado? Mas isto é coisa racial. Homens negros têm isto em exagero, fazer o quê? Mas você disse que gostava.

Akiko ficou ruborizada e Jaime ficou meio sem jeito. Olharam um para o outro e acabaram rindo a vontade.

-Ô negão! Dá para calar esta sua boca enorme. Vê se fica quieto por alguns segundos. Pode ser ou está difícil?

-Ô branquelo! Pare com este negócio de me chamar de negão, isto é racismo, sabia? Eu sou moreno, bronzeado do sol. E minha mulher também não é amarelona, ela é dourada. Você é que é um incolor avermelhado.

-Está bem. Então vamos falar sério, pode ser?

-Com o Walter? -Akiko riu alto. -Eu tento falar sério com este sujeito há anos e não consigo. Isto ai é uma doença que não tem remédio. Ele é assim o tempo todo, dia e noite, todos os dias da semana.

-Que é isto? Agora é você quem está exagerando. De noite até que eu fico quieto, não falo nada. Eu sou bem calminho, não é?

Todos voltaram a rir. Jaime balançou a cabeça e exclamou:

-Já entendi. Não tem como falar sério com este cara. Então vamos comer alguma coisa, vamos ver o que ele está preparando nesta frigideira.

-Isto aqui é um prato típico da minha terra. É uma empada de restos, sabe como é, tem que se aproveitar tudo que sobra.

-De sua terra? Depois gostaria de saber mais de sua terra e de você também. Você é meu amigo, mas me é um total desconhecido. Quem é você, afinal de contas? Quem é o Walter, e de onde ele veio?

Akiko voltou a rir daquela pergunta e emendou em seguida:

-Pode esquecer. É falar com a parede. Isto aí é assunto proibido. O Walter nunca fala sobre isto e diz que ainda não é hora para falar disto. Nunca é hora. Eu estou esperando esta resposta há mais de três anos. Nem tente tirar nada dele, isto ai é uma ostra fechada. Não fala nada. Mas temos tempo para esperar.

-Então vamos falar de outro assunto. Que foi que aconteceu nesses quatro meses em que estive fora do ar, dormindo. Alguém pode me explicar isto? E, por favor, Walter, sem muita gozação. Dá para ser assim?

-Vou tentar, vou tentar. Mas é que isto está em mim, quando me distraio, já está no ar. Mas vou tentar. Antes vamos terminar com esta gororoba. A vida não é só felicidade, vocês têm que sofrer um pouco. Isto aqui é divino, se é que os deuses comiam desta porcaria. Ei! E vê se pára de comer os meus salgadinhos que custaram uma fortuna. Isto era só para enfeitar a mesa, não era para você acabar com tudo. Vocês vivem dizendo que não precisam comer, mas na hora do vamos ver, limpam tudo que vêem pela frente.

-Está bem, depois eu compro mais salgadinhos para você. Agora dá para me explicar o que está acontecendo?

-Bom! Deixe-me ver por onde começo... Ah! Já sei. Pelo começo, é claro. Há uns quatro meses atrás, eu e Akiko sentimos alguma coisa estranha no ar, alguma sensação esquisita. Era como uma premonição, como um chamado de alguém. Eu disse para ela que isto, esta coisa estranha no ar, devia ser de algum esgoto ou, quem sabe, era alguma alma penada, mas ela fica nervosa com essas coisas. Então a coisa começou a ficar mais forte. Devia ser pum de dragão. Nesta época nós estávamos no Rio de janeiro. Que praias lindas, que mulheres maravilhosas...

Walter parecia se divertir deixando Jaime com total enfado:

-Bem! A sensação começou a incomodar e tentamos mapear a mesma, ou seja, localizar sua fonte, sua origem. Fomos a vários lugares e nada acontecia. Um dia, estávamos numa praia, passeando... Caramba! A Akiko estava com um biquíni minúsculo. Puxa vida!

Você precisa ver essa sua mãe de biquíni. Minha nossa! Que coisa maravilhosa! Cara! Até eu queria ter uma mãe assim...

Akiko já ia lhe dar um tapa, mas ele recuou rindo e continuou:

-Ah! Então! Aí a Akiko me disse que a coisa estava ficando mais forte... Opa! Veja bem, não fique fazendo interpretações erradas. A coisa era aquela sensação, não era nada comigo não. Cacete! Aquilo acabou com nosso passeio e vou cobrar isto de você. Estávamos indo para casa quando vimos, no calçadão, o Francisco andando calmamente. Aquilo era muito esquisito, pois o Francisco não é dado a este tipo de coisa. Então fomos atrás dele. Mas não era o Francisco, era você mesmo. Vocês são muito parecidos.

Walter fazia uma cara de quem estava tentando de se lembrar de alguma coisa. Aí, estalou os dedos e continuou:

-É! Foi isto! Nós acompanhamos você e o vimos entrar num boteco, nesses bares da praia. Entrou e pediu alguma coisa no balcão. Cara! Você entornou aquele copo de um jeito que até o atendente ficou admirado. Pediu mais um e foi a mesma coisa. Pagou e saiu do bar. Você devia estar com algum problema existencial. Foi isto que nos fez ver que se tratava do Jaime, e não do Francisco, pois aquele ali é cheio de viadagem. Ele nunca entraria num boteco como aquele. Tomar uma cana daquele jeito, só podia ser coisa do Jaime. Este eu já conhecia, e ele entorna muito bem mesmo.

Jaime ia reclamar do comentário, mas Walter fez sinal para ele, pedindo desculpas.

-Bem! Você andou por quase um quilômetro e voltou a repetir a cena. Entrou em outro bar, e foi a mesma coisa. Você já saiu de lá meio zonzo. Este seu anel aí já devia estar soltando fumaça branca; já devia estar queimando óleo noventa. Você voltou a repetir a cena uns quinhentos metros mais adiante. Puxa! Eu achei que você tinha brigado com a namorada, que estava desesperado. Pensei comigo: deve ser um baita mulherão. O Jaime deve estar com dor nos cornos e está querendo um analgésico para esta dor...

E ele levou mesmo um tapa de Akiko em seu ombro. Passou a mão sobre o mesmo e continuou rindo:

-Aí você saiu do bar! Entrou num beco e... Nossa! Lá você depositou todos seus bens. Cara! Como você vomitou! Acho que o anel estava rejeitando aquela porcaria que você tomou. Você acabou caindo no chão e estava meio zonzo. Eu cheguei perto e vi que era você, não o Francisco. A primeira coisa que fiz foi tirar o anel antes que ele fundisse o motor. Mas foi na mesma hora, pois você apagou de vez. Você simplesmente saiu do ar, e aí tivemos que carregá-lo para nosso apartamento. Depois eu lhe passo a conta do taxi. Aquilo saiu uma fortuna.

Walter sentou-se e depois tornou a se levantar. Parecia incomodado com alguma coisa. Olhou fixo para Jaime e continuou seu relato:

-Bem! Você ficou com a gente durante uns três dias. Estava muito ruim mesmo. Sem comer, só bebendo, e sem o seu anel, você estava um trapo. Não conseguia ficar de pé, e dormia o tempo todo. Nós o ajudamos, não permitindo que você acordasse, pois seria aquela dor de cabeça. Você estava sendo medicado com soro e tínhamos um médico que vinha todos os dias cuidar de você. Cara! Tinha uma enfermeira que ajudava aquele médico que... Minha mãe do céu! Aquilo sim era um colosso. Mas que bunda tinha aquela mulher. Nunca vi coisa igual... Ai!

Akiko não aliviava em nada, e mandou um novo corretivo nos ombros de Walter. Ele só passou a mão. Levantou-se, pegou um jornal velho, colocou nas mãos de Jaime e continuou:

-Bem, no terceiro dia do seu apagão saiu um anuncio em tudo que foi jornal. E eu guardei um para você ver. É este ai marcado em destaque.

Jaime e Akiko prestavam atenção à história que Walter contava. Eles riam o tempo todo dos trejeitos de Walter, e Akiko vivia dando tapas em seu ombro. Jaime leu naquele jornal a lista maldita que tanto estrago causou. Olhou para Walter e para Akiko, sem entender muita coisa e perguntou:

-Sim, é uma lista com um monte de nomes e datas. E daí? Que tem isto demais? Qual a importância disto?

-Cara! Esta lista foi publicada por aquela turma de malucos, aquela turma do seu pai. Só pode ter sido por eles. Os nomes desta lista

são de pessoas influentes, empresários, políticos, religiosos, tudo gente famosa. Nas datas fixadas nesta lista, está vendo ai, elas ficaram cegas. Absolutamente cegas.

-Cegas? Como assim, ficaram cegas? Alguma doença?

-Mas é claro que não. Uma doença não atinge pessoas determinadas em uma lista de forma antecipada. A doença é coisa impessoal, ataca qualquer um. Não! Elas ficaram cegas por outro motivo. Alguém as fez ficarem cegas. Provavelmente aquela turma do seu pai. Eles fizeram isto.

-Cacete! Então era isto? É para isto que eles me queriam? A Gabriela falava que eu era o controle remoto de alguma coisa, de algum mecanismo. Então era disto que eles estavam falando. Uma máquina para cegar as pessoas. E era eu quem devia controlar isto? Mas prá que? O que ganham com isto?

-Jaime! Esta coisa toda foi planejada com muito cuidado, tem muita psicologia neste processo. Essas pessoas representam lideranças, elas representam grupos de interesses. O fato de elas ficarem cegas fez com que todo mundo se apavorasse. Houve uma convulsão social mundial. Empresas faliram, governos caíram. Ainda estamos recolhendo os pedaços. O mundo ai fora está bem diferente daquele que você conhecia antes de atuar como a bela adormecida. É um mundo estranho. Anárquico. Desorientado. Está procurando por novas lideranças que, eu acho, logo vão encontrar. Vão aparecer os salvadores da pátria, os ilesos, aqueles que não foram atacados, os considerados puros e imunes a qualquer ataque. Nada de novo no horizonte, mas o sol brilha com outra luz.

Walter tentou mudar o tom de voz, tentou acalmar Jaime de alguma forma:

-Bem! Quando percebi que a coisa começou prá valer, lembrei que você era o controle. Eles tinham comentado isto nas reuniões que faziam. Você era o controle e você estava comigo. Eu tinha que tirar você de circulação de qualquer jeito. Como você mesmo sabe, dinheiro compra qualquer coisa. Conseguimos um pedido de remoção para esta cidade, no interior de São Paulo, e trouxemos você para cá sedado, em um avião ambulância. Nós compramos um diagnóstico que

permitia fazer você ficar desacordado. No Hospital pedimos a remoção para um grande centro, mas, na verdade, trouxemos você direto para este apartamento. Durante o tempo que durou toda esta situação, você foi mantido desacordado. Tinha convulsões que eram provocadas pela máquina, mas conseguimos controlá-las. Você ficou aqui por todo este tempo. Ontem, consideramos que já era hora de acordá-lo. Tiramos todo o medicamento para fazer a coisa ficar mais fácil. Você tinha que sair deste coma induzido de forma natural. Hoje pela manhã você acordou e o resto você já sabe. Estamos aqui com você. É isto.

-Então era isto. A Gabriela tinha me falado, ela insistiu em que esses loucos queriam dominar o mundo. Ela estava certa. Isto é um bando de malucos que só querem o poder.

-Desculpe, mas acho que não é isto não.

Akiko interferiu na conversa. Jaime ficou olhando admirado para ela. Depois de algum tempo ela continuou:

-Jaime! Está esquecendo alguma coisa, não concorda? Eu também fazia parte deste grupo, e eu sei o que planejavam. Não acompanhei os últimos três anos dos preparativos, dos detalhes, mas sei o que planejavam sim. E eles não querem dominar o mundo, ao menos não era isto a que nos propúnhamos. A idéia era mudar a ordem social estabelecida, e isto só poderia acontecer sacudindo a humanidade, para ver se ela acordava. O sistema atual está falido, e procurávamos uma forma de mudá-lo. Você que trabalhou com isto, sabe como é difícil fazer uma mudança desta sem efeitos secundários. A versão do sistema tem que ser trocada sem que a versão anterior seja paralisada. O problema é que a versão anterior não foi preparada para esta troca. Mas ninguém queria dominar o mundo.

-É! Eu também estive com aquela turma.

Walter retomou sua explanação.

-E eles, de fato, são meio malucos. Eles se consideram os justiceiros da humanidade, e isto só pelo fato de usarem esses anéis idiotas. Mas eles não querem dominar nada. Aliás, por que iriam querer isto? Eles já dominam o mundo, ao menos economicamente. Aquela turma tem dinheiro que não acaba mais. Você precisava ver aquela casa lá do Mato Grosso, lembra-se? Você só viu a fachada. Aquilo ali

era uma verdadeira fortaleza. Precisaram de muito dinheiro para construir aquilo. E eles destruíram tudo num piscar de olhos, assim, num estalar de dedos. Acho que alguns bilhões de dólares foram queimados naquela casinha humilde. A grande maioria dos países do mundo não tem dinheiro para construir nem meia casinha igual aquela. E eles destruíram aquilo tudo como se joga casca de fruta no lixo. Dinheiro não é problema para esta turma. Eles não têm por que querer dominar nada, eles já dominam.

-Walter! O poder tem várias facetas. Nem só de pão vive o homem, e nem só de dinheiro vive esta turma. Eles podem querer mais poder para outras coisas que não mais dinheiro.

-Aí eu concordo com você. Eles querem mais outras coisas, isto com certeza. Só que tem um problema nisto aí.

-E qual é este problema?

-Já faz um mês que esta lista foi concluída, o mundo está em plena ruína, e eles não disseram absolutamente nada. Nada de nada. Eles simplesmente se calaram. Criaram uma situação de pânico e, agora, estão esperando pelos resultados. Então, vamos ver como vai ser o próximo ataque. A Akiko talvez possa explicar.

-Eu não sei não. O plano geral eu estava ao par, mas os detalhes ainda tinham que ser discutidos, arrumados. Para isto precisávamos de outro elemento, de alguém que fosse intuitivo, precisávamos de você. Foi quando você entrou em cena. Ficou algum tempo e saiu. Depois você voltou e raptou o comandante.

-Caramba! Ele raptou o comandante? Mas o que é isto? Você agora deu para ser terrorista?

Jaime olhava para Walter admirado. Akiko respondeu rindo:

-Jaime! O comandante era eu mesma. Ele me raptou, foi isto.

-Você? Mas... Mas você é uma menina. E uma menina era o comandante daquela turma?

-Eu não sou tão menina assim. Eu uso um anel, esqueceu?

-Cacete! Mais uma menina secular.

-Epa! Secular não! Também não precisa ofender. Eu não tenho nem cem anos ainda. Eu sou a mais novinha desta turma. Perto deles eu sou mesma uma menina.

-Desculpe. Mas quantos anos você tem?

-Mas... E isto é pergunta que se faça a uma mulher?

-Desculpe novamente. Mas é difícil me acostumar com essas coisas. Vivia com a Gabriela, uma garota parecida com você, e nunca consegui acreditar, meu inconsciente se negava a isto, que ela tivesse mais de trezentos anos. É uma coisa muito difícil para as pessoas normais.

-Bom! Em primeiro lugar: eu não sou parecida com a Gabriela e, em segundo lugar: você não é mais uma pessoa normal. Você também usa um anel, ou o que é isto ai no seu dedo? Então, trate de ir se acostumando. A cara das pessoas não expressa a idade das mesmas. Tome bastante cuidado quando encontrar uma menina pela rua ou num restaurante. Ela até pode ser sua bisavó.

-É! Isto já aconteceu mesmo. Mas você tem ficado muito tempo com o Walter. Está ficando igual a ele. A irreverência de vocês, este humor negro, está começando a me irritar.

-Sei! Irritar! Mas tome bastante cuidado. Como o Walter já lhe falou, sou faixa preta em caratê. Se ficar irritado, então que dê um chute na parede. Acho bom começar a ficar mais bem humorado, pois isto aqui é uma casa feliz, e nós rimos o tempo todo. Este é o único prazer que queremos desta vida: queremos rir de nós mesmos.

-Cacete! Mas vocês nunca falam nada sério? O mundo está debaixo da maior confusão, as pessoas estão sofrendo e vocês ficam aí; rindo? Vocês são dois malucos. Não acham que isto é coisa para se preocupar?

-Nos preocuparmos? Ué! E por que nós vamos nos preocupar? Antes de conhecer o Walter eu me preocupava o tempo todo. Aí, ele me mostrou que não tenho por que fazer isto. Ele nunca se preocupa, ele está sempre de bem com a vida. Então resolvi seguir seus conselhos. Se ele pode ajudar você, ele ajuda. Se você está triste ele conta uma piada. Se você está sem dinheiro, ele conta outra piada, porque isto ai é um duro, nunca tem dinheiro prá nada. E se você está preocupado com alguma coisa, aí sim, aí ele vai mesmo embora. Eu gosto muito do Walter e não quero que ele vá embora, então eu não fico preocupada nunca. Pessoas preocupadas deixam o Walter inquieto.

-Sei! Você é muito simplista. As coisas não são assim, tão simples. Não dá para ficar rindo o tempo todo, rindo de coisa nenhuma. Temos mais coisas a fazer do que ficar por ai contando piadas.

-Ah é? Não sei o que pode ser mais importante do que rir e contar piadas. Eu não acho que ficar chorando ou ficar se preocupando seja uma melhor opção. Você deve ter puxado isto do lado paterno. Aquele ali está sempre carrancudo, sempre sisudo, sempre fechado. Está sempre imaginando planos para salvar o mundo da merda em que ele mesmo se enfiou. Aquele ali nunca dá risada. Jaime! Saia desta vida. Seja igual à sua mãe, dê risadas, faça piadas, tudo vai ficar muito mais fácil.

-E as pessoas que ficaram cegas? E as pessoas que habitam este circo onde vocês fazem essas piadas? Como é que elas ficam? Elas também vão rir?

-Sei lá! Isto não é problema meu. Podemos contar piadas para elas também, mas não sei se elas vão querer ouvir. Elas não gostam muito das minhas piadas. Elas gostam de chorar, elas gostam de serem infelizes, elas gostam de serem assim. Por que vou me preocupar com elas? Elas que sejam do jeito que elas querem ser. Tudo isto vai voltar ao normal, e elas vão esquecer, como esquecem todas as outras coisas. Elas não se preocupam pelo fato de serem assim, por que eu vou me preocupar? Você vai ver: tudo vai voltar ao normal, isto é a normalidade dessas pessoas. Roda, roda e tudo isto vai continua na mesma.

-E vocês não vão fazer nada? Vão ficar ai rindo? Vocês são malucos, alienados, completamente sem juízo. E ainda me tiraram do ar por todo este tempo. Não me deixaram fazer nada para ajudar. Eu poderia ter ajudado essas pessoas.

Walter entrou na discussão e falou de forma dura, incisiva:

-Sei! Do jeito que você estava? Você ia era ajudar as empresas de energia. Aquilo era um fogo pior que uma central atômica. Você ia fazer o quê? Ia convidar todo mundo para beber com você? Ia deixar todo mundo bêbado como você? Você, um cara todo cheio de problemas? O que você ia fazer? Você não consegue resolver nem seus próprios problemas, e vai querer resolver o problema dos outros? Você ia fazer o quê afinal de contas? Você queria controlar aquele meca-

A.J.PISSUTO

nismo para impor a sua vontade sobre as pessoas, é isto o que você queria? Você queria ser o controle mestre das pessoas, do mundo? Mas não é você o cara que não quer que o seu pai faça isto? Não quer que ele domine as pessoas? Você só pode ser um idiota se acha que vai ajudar alguém, ou, então, você é um maluco, se acha que vai dominar alguma coisa. Na dúvida, nós preferimos ficar aqui rindo como uns idiotas. Sim, eu sou um idiota, eu rio como um idiota, eu sou feliz por ser um idiota e também porque todos me acham um idiota, inclusive você. Eu quero ser idiota e consigo ser aquilo que eu quero ser. Isto me faz feliz. Ser exatamente aquilo que eu quero ser.

-Você fala cheio de segurança. Nem parece o Walter que conheci: tímido, inseguro, atrapalhado. Quem é você Walter? De onde você vem? Qual é o seu negócio?

-Eu sou um ator e represento meu papel conforme a cena. Meu negócio é fazer palhaçadas, meu negócio é animar os outros. Este é o meu negócio, ser um palhaço. Eu sou o Walter, o mesmo palhaço de sempre, eu nunca mudo. E eu venho deste mundo, o mesmo mundo de onde você veio, de onde todos nós viemos. Não fico fazendo perguntas para ninguém. Não tento mudar a vida de ninguém. Eu só rio, e quero que todos riam. Nem que riam de mim mesmo. Eu sou feliz e quero que as pessoas ao meu redor também sejam felizes, que elas riam; que elas contem novas piadas; afinal, eu preciso sempre renovar meu repertório de piadas. Eu vivo e deixo-as viverem. E você? Quem é você afinal de contas? Quem você pensa que você é? Quem lhe deu esta responsabilidade pelo mundo? Quem foi que pediu a sua ajuda?

-Você está nervoso? Olhe que para um palhaço isto pode não ser um bom negócio. Mas vamos lá. Eu não pedi para ser o que sou, fui criado assim. O Francisco e a Gabriela bolaram um mecanismo que precisava de um controle remoto, e eu sou este controle. Eles querem dominar o mundo, moldá-lo de um jeito que eles possam manipular as pessoas para atenderem aos seus próprios interesses, sejam eles quais forem. E eu sou este controle. Cada um quer ter o controle em suas mãos. É como assistir televisão. Todos ficam brigando para segurar o controle. Eu quero ver um filme, ou eu quero ver uma novela, ou eu quero ver um jogo de futebol, ou eu quero ver um programa de recei-

tas. Eu sou este controle remoto e me enchi de ser só isto. Eu quero assistir a outro programa.

-Você fala como um filho rebelde: eu não pedi para ser o que sou. Veja bem: ninguém aqui pediu nada, ninguém escolheu nada. Isto é coisa da religiosidade, da fé imposta, da crença em objetividade, que tudo tem um objetivo e que o caminho para atingir este objetivo é traçado por alguém, tudo é pré-definido. Ninguém pediu para nascer, mas nasceu. E daí? De quem é a culpa? Ah, a culpa é do pai e da mãe. Mas que monte de besteira. Nascer é uma necessidade natural para preservar uma espécie, nenhum cachorro pede para nascer, nenhuma planta pede para nascer, isto é natural e acontece a todo segundo. Nascer como leão não faz de você o responsável pelos leões, e nem pelos veados que os leões vão comer. Isto é coisa do ser humano que tem mania de grandeza, de ficar se metendo onde não é chamado. Cada leão tem que se virar do jeito que der. Tem sempre outro leão querendo pegar suas leoas. E você já viu quando isto acontece? O leão vencedor mata todos os filhotes do perdedor. Por quê? Porque ele quer preservar a sua espécie, seus genes, não os leões, mas quer preservar a si mesmo. É o racismo em sua essência. Se você quer assistir a outro programa, você que assista, mas que assista sozinho. Você é um ser humano, não um leão. Você não precisa matar os filhotes dos outros leões.

-Mas eu não quero matar ninguém. O que eu quero é ajudar as pessoas.

-Sei! Mas seu pai também quer ajudar, e ele é mestre nessa mesma conversa. E por que vocês querem tanto ajudar os outros? É alguma tarefa que lhes impuseram? Isto me lembra da piada dos três escoteiros que queriam ajudar uma velhinha a atravessar a rua. O instrutor, curioso, pergunta por que os três e não um só. Eles respondem: é que a velhinha não queria atravessar a rua. O que vocês estão fazendo é a mesma coisa. Querem ajudar uma velhinha a atravessar a rua e nem perguntaram para a velhinha se ela quer mesma atravessar a tal rua. Ela vai ter que atravessar na marra; por que vocês querem isto; por que vocês acham que ela tem que querer isto. E vocês chamam isto de ajuda? Eu e a Akiko, por exemplo, não queremos ser ajudados,

nem por você e nem pelo seu pai. E daí? Você vai nos obrigar a isto? Seu pai vai nos obrigar a isto? Cara! Ajudar não é impor a sua vontade, não é mudar nada na vida das pessoas.

-Mas eles criaram uma situação que eu poderia ter evitado. Eu poderia ter evitado isto, se não fossem vocês. Eu poderia ter ajudado a não deixar o mundo chegar até onde chegou: a este caos completo.

-Sei! Então você acha mesmo que poderia fazer isto? E você também acha que as pessoas não queriam tudo isto que aconteceu? Você quer o quê? Quer pegar uma máquina do tempo e mudar as coisas? Quem sabe você pode retornar ao passado e evitar que Jesus Nazareno seja morto. Você acha que ele vai lhe agradecer? Que ele vai lhe cumprimentar? Você acha que ele vai lhe dar os parabéns? O mínimo que ele vai fazer é dar um murro no meio desta sua cara idiota. Ele não quer a sua ajuda. Ele quer ser crucificado, ele faz questão de ser crucificado, e ponha isto nesta sua cabeça dura. É isto que ele quer e você não tem o direito de mudar nada, você não é responsável por nada. Viva em paz e deixe os outros viverem em paz. Muito mais ajuda quem não atrapalha. Você, por favor, não ajude os outros, ajude a si mesmo.

Jaime ficou sem argumentos. Abaixou a cabeça e continuou comendo e bebendo em silêncio. Estava pensando em suas idéias fantásticas, em seus ideais, em seu lugar na sociedade. Afinal, quem era ele? Qual era sua função neste mundo? O que ele tinha que fazer? O que ele não tinha de fazer?

Walter e Akiko respeitaram o silêncio de Jaime e ficaram quietos. Também se sentaram à mesa e saborearam a comida de Walter. Ficaram neste mutismo por quase dez minutos. Então Jaime reiniciou:

-E agora, o que vamos fazer?

-Você eu não sei. Pode ficar por aqui o tempo que quiser. Nós gostamos de você, e você é sempre bem vindo. Eu vou cuidar da minha vida e acredito que a Akiko também vai cuidar da vida dela. Eu dou aula numa escola aqui do pedaço. É disto que eu vivo.

-Então você continua com este negócio de dar aulas. Pensei que isto fosse temporário, algum tipo de emprego quebra-galho.

-Primeiro: quem quebra galho é macaco gordo; e segundo: eu sempre dei aulas. Temporário foi aquele emprego de analista de sistemas. Eu dou aulas por aqui e por ali, é disto que eu vivo. A gente ganha pouco, mas se diverte muito. Meus alunos gostam das minhas piadas e eu me sinto bem assim.

-Também! Se eles não rirem das suas piadas, você os reprova.

Akiko interveio com desdém na colocação de Walter.

-Mas é claro! Onde vou achar uma platéia que me agüente e que ria dessas minhas piadas sem graça? Veja bem: ai está o conceito do poder. Eles riem por que são obrigados a isto. Se eu não fizer assim, se eu não obrigá-los a rir, eles vão ficar me enchendo o saco o tempo todo. Vão ficar choramingando, pedindo nota, dizendo que não entenderam. Comigo é assim. Ou riem ou tomam zero.

-E você só faz isto? Você só dá aulas?

-Ué! E qual é o problema? Eu sou um professor e sempre dei aulas. Eu gosto de dar aulas, isto me diverte, eu sou feliz dando aulas. Às vezes a Akiko me pega para limpar a casa, mas eu sempre acho umas aulas particulares e escapo de fininho.

-Mas você dá aulas há quanto tempo? As pessoas não percebem nada?

-Ué! E o que as pessoas devem perceber? Eu sou um bom professor, eu conheço a matéria, sou formado, tenho meu diploma, está tudo no papel. Então eu não entendi o que falou. O que é que elas deveriam perceber?

-Você também é um imortal, ou não é?

-Bom! Isto é o que a Akiko fala, mas eu não sei não. Afinal, o que é um imortal? Um cara que nasceu e que nunca vai morrer, é isto? Então eu não sou este cara não. A qualquer hora pode aparecer um sujeito maluco, um assim como você, e pode me matar e, acredite ou não, eu vou morrer como qualquer pessoa. Eu diria que sou um sujeito longevo, tenho uma idade considerável, só isto. Eu já devo estar com uns trinta e poucos anos. Aliás, tenho que me cuidar. Estou ficando velho e a Akiko vai querer me trocar por outro, mais jovem, mais potente, mais viçoso. Cacete! Essa mulher é insaciável.

-Pare com essas brincadeiras, por favor. Já faz bastante tempo que eu conheço você e esta sua cara estúpida não mudou nada. Você não usa um anel, mas deve usar alguma outra coisa, ou então, você é naturalmente assim. Mas você não é um cara normal.

-Obrigado pela cara de estúpido. E a resposta é não. Eu não uso um anel. Isto é só um artefato, um mecanismo resultado de uma experiência que falhou; e essa sim foi uma experiência estúpida. Ele é um bom disfarce, porque as pessoas estão acostumadas com isto. Também poderia ser uma pulseira ou um colar. Foi só uma questão de escolha. Anel é mais prático, unissexual, como dizem atualmente. Imagine eu, por ai, usando um colar de rubis, as pessoas iriam me achar ridículo. E eu sou um cara normal, assim como você e a Akiko também são pessoas normais. Bem! A Akiko não é tão normal assim, ela é um fenômeno. Cara, você precisa ver esta mulher na cama....

Walter interrompeu sua fala pelo tapa que Akiko deu-lhe nos ombros. Ele esfregou o local com a mão mostrando que aquilo tinha doido. E, como sempre, riram a vontade.

-Você usa algum mecanismo para se manter jovem?

-Eu pratico esportes e tenho uma alimentação balanceada.

-Ah! Pare de gozação. Estou falando sério.

-Este é o problema: eu não posso falar sério. No dia em que eu falar sério, aí sim eu começo a envelhecer. Este é o meu carma, tenho que rir o tempo todo. Tem um ditado popular que diz: rir é o melhor remédio. Mas vamos deixar este papo para outra hora. Eu não gosto de falar sobre isto.

-Está bem. Não falo mais nisto, por enquanto. Mas você não me respondeu. O que é que eu posso fazer?

-Bom! Sei lá. Você pode procurar um emprego, mas as coisas andam difíceis. Depois desta maluquice de seu pai, está meio difícil arrumar emprego. Está tudo uma bagunça só. Sei lá! Você quer dar aulas?

-Eu? Dar aulas? Mas vou dar aula de quê?

-Sei lá. Você não é engenheiro? Pode dar aula de matemática, física, química, de educação sexual, sei lá. Se quiser, você pode dar aula

de história. Nisto eu posso ajudar, eu conheço um monte de histórias. Tem aquela história do português que...

Levou mais um tapa em seu ombro, e Walter interrompeu novamente a sua fala.

-Akiko! Isto já está começando a doer. Acho bom você encontrar outra forma para me fazer ficar quieto. Mas, voltando ao assunto. Eu posso ver se tem alguma vaga lá na escola para você. O pessoal está começando a se recuperar desta onda e talvez apareça alguma coisa. Quer tentar?

-Sei não. Eu nunca dei aulas na vida. Nem sei como fazer isto.

Walter olhou para Akiko e fez uma cara de desagravo. Falou baixo, mas de forma que Jaime pudesse escutar claramente.

-Cacete! Já vi tudo. Este seu filho é um tremendo dum vagabundo. Quer viver só no bem bom; encostado aqui no pobre do padrasto. Akiko! Vê se coloca este menino na linha. Ele precisa ser mais responsável, precisa trabalhar.

Akiko olhou sério para Jaime e depois retornou o olhar para Walter. E ela mesma concluiu:

-Ah! Sei não. Acho que só dando uma sova, mas isto é coisa de homem. Quem sabe com umas boas palmadas ele entra nos eixos? Psicologia, com este menino, não vai adiantar muito. Acho que vamos ter que partir para um corretivo mais eficaz. O que você acha?

Eles começaram a rir da cara de Jaime. Ele não estava entendendo nada, absolutamente nada. Aqueles dois, com certeza, eram malucos.

-Vocês não têm dinheiro? -Perguntou.

-Ih! Está vendo? Está vendo? O cara já está querendo dar uma facada no padrasto. Já quer dinheiro para suas farras. Assim não dá!

Walter mostrava uma expressão de bronca. E ele mesmo reclamou daquilo:

-Não, nós não temos dinheiro não. Se quiser dinheiro, o senhor que vá trabalhar, vá arrumar um emprego.

-Meu Deus do céu! Acho que desta vez eu pago todos os meus pecados. Mas não dá para parar com esta palhaçada um minuto que seja? Eu quero fazer alguma coisa, não quero ficar aqui olhando para